

## **COMPLEMENTARIDADE DO CAPITAL HUMANO DO ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL PELA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: ESTUDO EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ-MS**

Rozimare Marina Rodrigues Rivas  
Charlles Leandro Areco dos Santos  
Carlos Otávio Zamberlan

### **RESUMO**

A educação é considerada um elemento endógeno que contribui para o desenvolvimento de uma região. No Brasil, o sistema educacional pode ser utilizado para auxiliar a explicar as diferenças regionais existentes. Todavia, a educação deve ser vista além da sua formalidade de sala de aula, pois ela é um instrumento para a formação de capital humano geral, que permita uma maior compreensão do contexto e das transformações sócio-políticas e econômicas globais, que vão além da formalidade da educação tradicional. Este estudo tem por objetivo verificar a percepção de professores de história e geografia, que são disciplinas importantes na formação da cultura do educando, sobre a contribuição do Museu da Erva Mate para complementaridade e assimilação dos conteúdos ministrados no ensino fundamental. Foi utilizada uma pesquisa com base qualitativa alicerçada em análise lexical. Conclui-se que os professores percebem a importância na complementaridade dos conteúdos, mas a utilização desse espaço enfrenta dificuldades pelas próprias características da escola e do perfil dos estudantes, entre outros problemas.

**Palavras-chave: Educação; Desenvolvimento Econômico; Capital Humano.**

### **1 INTRODUÇÃO**

A importância da educação é tema reconhecido em âmbito internacional, tanto é que no art. 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), aprovado em 1948 consta que: “Toda pessoa tem direito à Educação”, no Brasil este direito é reconhecido pela Constituição de 1988, ratificada e legalizada pela Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Ressalta-se ainda que a educação é uma das bases para se alcançar o desenvolvimento econômico; contudo, a garantia desse direito tem enfrentado empecilhos que estão atrelados tanto a função do Estado (aspectos políticos) quanto econômicos, sociais e culturais.

Um dos principais gargalos é a permanência do aluno em sala de aula pelos motivos já citados anteriormente. Neste cenário, que além de políticas públicas, os métodos de educação adotados podem ser fatores que contribuam tanto para permanência quanto para o ensino de qualidade e que terão reflexo no desenvolvimento humano e da economia

regional. Estratégias de educação não-formal, fora do ambiente tradicional de sala de aula, podem contribuir para esse fim.

Inserido na educação não-formal estão os espaços culturais de valorização do patrimônio como, por exemplo, os museus. Esses espaços podem exercer papel de suma importância com relação ao aprendizado, pois geralmente fazem uma ligação da cultura com processos de formação histórica de sociedades, da evolução da arte, bem como da demonstração de diversos temas que possuem alguma relação com a vida, seu desenvolvimento, etc.

O município de Ponta Porã ainda é carente desse tipo de espaço, contando apenas com um único museu denominado “Museu da Erva Mate”, fundado em 1997 por José Benites Cardenas. O Museu é de caráter privado, e segundo o curador, Domingos José de Oliveira, possui acervo pessoal da família de seu fundador e de amigos que fizeram algum tipo de doação. Ainda, de acordo com o curador, o Museu conta com cerca de 900 obras literárias e aproximadamente 3.000 objetos, sendo que o espaço disponível gira em torno de 135 m<sup>2</sup>.

Tanto para os brasileiros, sobretudo os sul mato-grossenses, quanto para os paraguaios, a erva-mate exerceu um importante papel nos aspectos sociais, culturais e econômicos da região; deste modo, saber sua função neste território é uma fonte rica de conhecimento tanto nos aspectos citados anteriormente bem como histórico e geográfico. Além disso, no dia 01 de abril de 2011 foi publicado o Decreto 13.140 no Diário Oficial do Estado que determina o tereré (bebida elaborada com erva mate) como patrimônio imaterial e cultural de MS.

Como espaços de educação não-formal os museus podem auxiliar no processo educativo com vistas a propiciar uma formação mais ampla para a população, principalmente em questões relacionadas à cultura. Segundo Santana e Ramalho (2003) aspectos culturais são importantes para propiciar uma formação geral no indivíduo, permitindo a ele uma maior adaptabilidade a um ambiente de rápidas transformações, em virtude da existência de um capital humano geral e não específico, que é essencial para o desenvolvimento econômico e regional. É nesta perspectiva que este trabalho procura analisar a percepção dos professores de história e geografia sobre a contribuição do Museu da Erva Mate para complementaridade e assimilação dos conteúdos das disciplinas ministradas.

Para que o objetivo proposto possa ser alcançado este trabalho procurou: a) verificar a concepção do professor de História e Geografia acerca da presença do Museu da Erva-Mate em Ponta Porã; b) averiguar o ponto de vista dos professores acerca do potencial pedagógico da visita dos alunos ao Museu da Erva-mate em Ponta Porã; c) descobrir se os professores identificam se há interesse/demanda pela educação não-formal por parte dos alunos e o que motivaria/desmotivaria tal interesse. Além disso, o trabalho permite verificar relações de formação do capital humano geral por meio do uso da vivência cultural pela visita a espaços de cultura.

Pelo caráter didático-prático que apresenta, o museu é um agente que pode ter suas potencialidades exploradas em favor do ensino de História e Geografia nas escolas no município de Ponta Porã. Portanto, a contribuição deste trabalho está no fato de chamar a atenção dos atores envolvidos na disseminação da educação (secretaria de educação, escolas e docentes) para que tirem o máximo de proveito deste agente rico de informação. Em virtude da necessidade de profundidade de análises, este trabalho é um estudo de caso na Escola Estadual Nova Itamaraty, localizada em Ponta Porã-MS.

## **2 MUSEUS COMO AMBIENTE DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Esta seção tem como objetivo fazer uma ligação entre a educação formal e não-formal representada nesse caso pelos museus, que são organismos sempre presentes e essenciais para a cultura e a difusão dos aspectos socioeconômicos de uma localidade. Também faz uma referência aos currículos das disciplinas de História e Geografia do Ensino Fundamental, focando a abertura em seus parâmetros que é dada para que a construção do conhecimento também ocorra fora do ambiente de sala de aula, que é a abordagem desse trabalho. A seção se subdivide em quatro subseções que tratam sobre a educação não formal (onde se aborda um pouco sobre a sua influência na formação do capital humano geral e sua relação com questões de desenvolvimento), a museologia, a relação museu-escola e os parâmetros curriculares das disciplinas de geografia e história.

## 2.1 Educação não formal

A educação não formal é caracterizada, de acordo com o Ministério da Educação (2009), como qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.

Cruz (2010) adverte que a finalidade dessa educação é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos, sendo estes construídos em um processo interativo, gerando um processo educativo. A transmissão de informação e a formação política e sociocultural também pode ser uma meta na educação não-formal; a de preparar os cidadãos, o educando, o ser humano para a civilidade; mas é preciso ressaltar que para que isso ocorra é necessário que o visitante esteja motivado com essa finalidade.

Nos dias atuais, a educação tem se voltando para outros rumos ante os direcionamentos tradicionais, onde a sala de aula é utilizada como o único meio de aprendizagem, em detrimento de outras formas de aquisição de conhecimento. "Nova pedagogia", "escola nova" e "reforma educativa" são, hoje, expressões amplamente divulgadas e cuja aplicação se generaliza, progressivamente, em todos os sistemas educativos. As velhas concepções de educação, a "pedagogia tradicional", estão em desuso e em substituição por novas concepções de educação, de instrumentos de comunicação, de avaliação e, evidentemente, de aluno e professor (HENRIQUES, 1996).

De acordo com Gohn (2006), a educação não-formal designa um processo com várias dimensões, que podem englobar: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Considera ainda, a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Pedagogia Social significa "agir sobre si mesmo, com os outros e com as perguntas da sociedade, de tal forma que nossa ação torne possível o desenvolvimento sadio de outras pessoas e das

Dentro da abordagem de desenvolvimento econômico esse processo corrobora com a perspectiva territorial de desenvolvimento regional, pois segundo Rojas (2011, p. 4) “... *el desarrollo es el resultado del esfuerzo de la sociedad y del grupo humano que conforma el territorio.*” Considerando essa colocação de Rojas (2011) e a visão da educação não formal de Gohn (2006) nota-se uma ampla abordagem social, tanto para o processo de aprendizagem como para o desenvolvimento de forma ampla. Outra abordagem que surge dentro da teoria de desenvolvimento regional é a proposta por Romer e Lucas *apud* Galeano e Costa Mata (2007) onde eles defendem que os agentes econômicos devem investir não apenas em capital físico, mas também em inovações e na acumulação de capital humano, que terá impacto direto no que se entende por fatores de desenvolvimento endógeno.

Essas vertentes abordadas vêm ao encontro do que Romanelli (1983) coloca sobre a educação e o desenvolvimento econômico, pois para a autora, quando o sistema educacional fica defasado em relação às necessidades dos modelos econômicos adotados, isso reflete na produtividade do trabalhador, tendo impacto negativo no desenvolvimento. Para ela, a educação não pode ficar defasada em relação ao modelo econômico, necessitando empenho na sua modernização estrutural. Como antes observado por Santana e Ramalho (2003), o ser humano necessita de uma formação mais geral para se adequar ao mundo em rápida transformação. Nesse aspecto, os usos de métodos não formais de educação contribuem nessa formação do capital humano geral e na exigência do modelo econômico atualmente em voga.

Os novos campos do saber produzem uma quantidade de novos conhecimentos e comportamentos que a "escola tradicional" não consegue acompanhar, aliado ao fato de que a educação moderna busca não somente repassar conhecimento, mas criar investigadores críticos em detrimento aos dogmas tradicionais.

Os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. Identificados como espaços de educação não-formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família.

## 2.2 Museus e museologia

Segundo Almeida (1997), o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, que adquire, preserva, documenta, pesquisa e comunica para educação e lazer. Podem ser agrupados e classificados como: i) esfera responsável - público, privado; federal, estadual, municipal, universitário; ii) tipo de acervo - antropologia, arte contemporânea, arte sacra, biológico, histórico; iii) áreas de pesquisa - antropologia, arte, arqueologia, herpetologia, saúde pública. A partir dos dois últimos critérios pode-se definir dois grandes conjuntos: museus de arte e museus de ciência.

A mudança de paradigma na Museologia, onde o foco de atenção dos museus são agora transferidos do objeto para o ser humano, favoreceu o aumento de reflexões relacionadas ao caráter educativo dos museus e dos patrimônios, ampliando as ações e discussões voltadas a esta temática e conquistando espaço dentre as áreas de interesse e atuação da Museologia (FIGURELLI, 2012).

Erroneamente, museus são em grande medida pensados como locais de exposição e não de produção do conhecimento por parte da comunidade de pesquisadores, acabando por serem vistos como locais para uma visita passiva e não para uma interação ativa por parte do público. Deve, portanto, haver uma proposta de exposição museológica que rompa com a ideia de transmissão do conhecimento acabado e a recepção passiva da mensagem por parte do visitante, lançando a eles o desafio de se aventurar pelas incertezas da construção do conhecimento (PACHECO, 2010). Conhecer o público em suas dimensões, sociais, culturais e individuais são caminhos necessários para o estabelecimento de parâmetros que organizem as atividades museais, nos seus aspectos teóricos e práticos (CAZELLI *et al.*, 1998).

Os museus possuem um caráter educacional vinculado à sua própria origem, pois desde o início, se configuravam como espaços de pesquisa e ensino. Deve manter o foco de que, como instituição dedicada à memória e à celebração do passado, os museus desempenham um papel fundamental na construção de ideologias e identidades nacionais e sociais. Lopes (1991) recomenda que o museu seja um espaço onde a convivência com o objeto aponte outros referenciais para desvendar o mundo, proporcionando possibilidades de apreensões da realidade e de relações com o outro.

Para Pereira & Carvalho (2010, p. 385):

Os museus podem ser compreendidos como instituições através das quais é possível o cruzamento de fronteiras em direção a outras aprendizagens e discursos sobre a história e os tempos, sendo capazes de estimular o visitante a buscar outras representações.

A educação em museus possui um importante foco de interesse na atualidade, tanto no que diz respeito ao seu papel social, quanto no que se refere às práticas realizadas nesse espaço e suas possíveis reflexões. Percebe-se o interesse não apenas na organização e preservação de acervos, mas também na ênfase da compreensão, desenvolvimento e promoção da divulgação, bem como na formação de público como forma de disseminar conhecimentos por meio de uma ação educativa.

### 2.3 A relação museu-escola

“A escola, de uma ou de outra forma, educa. E o museu? A resposta a esta questão dependerá do que consideramos "educação".” (HENRIQUES, 1996, p. 89).

O questionamento acima faz-nos refletir que existe um conceito ainda muito limitado no que se refere à educação, principalmente quando se considera as relações externas do ensino escolar, nesse caso, representado pelo museu. A visão de que uma simples visita ao museu é algo apenas recreativo deve ser repensada pelos educadores que limitam o conceito do “educar” apenas a livros e ao que ele próprio diz. Também deve ser dada determinada liberdade aos alunos quando destes for solicitado alguma atividade após a visita a um museu, não impondo barreiras com relação a somente um determinado método de avaliação – comumente uma redação – mas abrir a estes outras oportunidades de exporem suas impressões a respeito do que foi visto no museu, como por exemplo, o uso de recursos audiovisuais elaborados por eles, principalmente agora que estamos numa época de fácil acesso às tecnologias de informação e comunicação. Com base nisso, é fundamental estabelecer relações entre o museu e a escola e evidenciar as diferenças entre esses espaços conforme sintetizadas no Quadro 1.

Quadro 1. Diferenças de abordagem na relação museu/escola

ESCOLA	MUSEU
Objeto: instruir e educar	Objeto: recolher, conservar, educar e expor
Cliente cativo e estável	Cliente livre e passageiro
Cliente estruturado em função da idade ou de formação	Todos os grupos de idade sem distinção da formação
Possui um programa que lhe é imposto,	Possui exposições próprias ou itinerantes e

pode fazer diferentes interpretações fiel a ele	realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção
Concebida para atividades em grupos (classe)	Concebido para atividade geralmente individuais ou de pequenos grupos
Tempo: 1 ano	Tempo: 1 a 2 horas
Atividade fundada no livro e na palavra	Atividade fundada no objeto

Fonte: Adaptado de Allard *et al.* (1996)

Para Santos (2002), o conceito de museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como um local somente de antiguidades, sendo que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado e que deve ser contemplado pelos sujeitos sociais no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos.

Os alunos devem ser esclarecidos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, observando quais tipos de objetos podem e devem ser preservados e expostos, a fim de oferecer uma compreensão da trajetória desse objeto até tornar-se uma peça de museu, onde através dele novos saberes serão produzidos pelas relações que ocorrem no âmbito da cultura museal (COELHO, 2009).

Com relação à interação dos alunos com os espaço físico do museu, é perceptível que por se tratar de um espaço diferente da escola, a apropriação do mesmo pelos alunos é diferenciada, havendo a possibilidades de uso mais livre, não dependente das rotinas características da escola. No entanto, para que não ocorra uma dispersão dos alunos que atrapalhe a exploração proveitosa das exposições, é fundamental o papel do professor como organizador e orientador da visita. Esse trabalho deve ser iniciado ainda na preparação da atividade junto aos estudantes e deve ter continuidade no sentido de acompanhamento do processo (MARANDINO, 2001).

Apesar de não ser uma escola, uma das principais funções do museu é a educativa. Por meio das exposições, os museus criam discursos, tendo como suporte, os objetos do seu acervo a partir dos quais comunica informações, ideias e conceitos aos seus visitantes (PAZ & GRAEBIN, 2012). Ainda é mister ressaltar que:

“A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização de sua cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.” (HORTA *et al.*, 1999, p. 6).



Cazelli *et al.* (1998), analisando os objetivos que professores tem ao buscar os museus, verificaram que esta procura está relacionada, primeiramente, com uma alternativa à prática pedagógica, já que entendem esta instituição como um local alternativo de aprendizagem. Em seguida, os mesmos consideram a dimensão do conteúdo científico, chamando atenção para o fato de que os temas apresentados no museu podem ser abordados de uma forma interdisciplinar ou enfatizando a relação com o cotidiano dos estudantes.

Os professores esperam de uma visita ao museu a busca da apresentação interdisciplinar dos temas, a interação com o cotidiano dos estudantes e a possibilidade de ampliação cultural proporcionada por esta visita. Quando os professores procuram os museus querem e desejam encontrar um lugar alternativo à aprendizagem, além de se depararem com temas apresentados de forma interdisciplinar.

O objetivo de uma relação museu-escola não é o de apenas mostrar esses lugares de interesse histórico, mas captar nestes locais momentos de interação entre estudantes, professores e fontes diversificadas de aprendizagens.

## **2.4 Parâmetros curriculares escolares – História e Geografia no Ensino Fundamental**

Os museus se encaixam perfeitamente nas recomendações que constam nos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1997, p.5) que indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de, entre outros:

- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações [...];
- [...] interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

### **2.4.1 Disciplina de História**

A ação do bacharel em história não deve se restringir à pesquisa, tampouco o licenciado em história deve limitar sua ação formativa ao espaço da sala de aula. Ao contrário, o profissional que estuda o passado deve ter presentes estes dois campos de atuação do profissional historiador: produzir o discurso sobre o passado e criar situações de difusão desse discurso. Com esse objetivo, deve procurar estratégias não para provocar no seu público a aceitação passiva de uma fala sobre o passado, mas para promover a reflexão sobre a experiência humana no tempo, utilizando-se, portanto, das diferentes linguagens que o mundo contemporâneo nos coloca à disposição.

Para que os alunos dimensionem a sua realidade historicamente é importante que o professor crie situações de aprendizagem escolares para instigá-los a estabelecer relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas, os interesses específicos de grupos e os acordos coletivos, as particularidades e os contextos, etc.

#### **2.4.2 Disciplina de Geografia**

O documento de Geografia propõe um trabalho pedagógico que visa à ampliação das capacidades dos alunos, do ensino fundamental, de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos.

Uma paisagem, seja de uma rua, de um bairro, ou de uma cidade, além de representar uma dimensão concreta e material do mundo, está impregnada de significados que nascem da percepção que se tem dela. No seu cotidiano os alunos convivem de forma imediata com essas representações e significados que são construídos no imaginário social. [...]. Em cada imagem ou representação simbólica, os vínculos com a localização e com as outras pessoas estão a todo momento, consciente ou inconscientemente, orientando as ações humanas. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998, p.23).

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. Muitas vezes os alunos se cansam com longos discursos sobre o valor e significado do centro histórico de uma cidade, quando uma simples visita, ensinando-os a observar suas referências básicas, identificando, compreendendo a convivência do antigo e do novo, permitiria sua compreensão mais rápida. A aprendizagem, assim, se tornaria um momento

de prazer. Nesse sentido, pela natureza do seu objeto de estudo, a Geografia está aberta a uma infinidade de recursos para a motivação do aluno.

### **3 METODOLOGIA**

A seguir demonstrar-se-á o percurso realizado para alcançar os objetivos propostos para realização deste trabalho, sua natureza e métodos utilizados para a coleta, manejo e análise dos dados, abrangendo assim, população e amostra, plano e técnica de coleta de dados, bem como a metodologia de análise e interpretação.

#### **3.1 Natureza do Estudo**

O presente trabalho é caracterizado como exploratório e descritivo. Exploratório pelo fato que não há nenhum estudo relacionado a esta temática para o Museu da Erva Mate de Ponta Porã, e no cenário nacional são poucos os estudos que fazem esta análise da relação do museu como uma forma de educação não-formal. Descritivo, pois busca descrever percepções de docentes do ensino fundamental a respeito da utilização do museu como educação não-formal. Quanto à natureza trata-se de uma pesquisa aplicada, dado que foi efetuada à campo, sendo adotado o estudo de caso como procedimento.

#### **3.2 População e amostra**

Conforme já abordado a educação não-formal é aquela que se relaciona ao aprendizado fora da escola, embora, esta possa exercer papel fundamental para o seu desenvolvimento. Diante disso, e da afirmação de Gohn (2006, p. 28) de que este processo de aprendizagem se dá “principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos”, este trabalho busca analisar na educação fundamental o uso de espaços coletivos, especificamente o museu da erva mate, para a aprendizagem fora do ambiente de sala de aula. Para tanto, a população englobou professores da rede pública estadual, que totalizam 373 docentes em 12 escolas públicas estaduais. Como a ideia é de um estudo qualitativo e os recursos são escassos decidiu-se focar nos docentes que ministram as disciplinas de

História e Geografia no Ensino Fundamental da Escola Estadual nova Itamaraty em amostra intencional com três docentes em uma entrevista em profundidade.

De acordo com PORTAL BRASIL (2012) a Educação básica se divide em 3 etapas: 1) Educação Infantil (abrangendo crianças de até 5 anos); 2) Ensino Fundamental (composto por alunos de 6 a 14 anos); e o 3) Ensino Médio (que compreende alunos de 15 a 17 anos). A escolha da etapa Ensino Fundamental para realização desta pesquisa deu-se pela premissa de que nesta etapa há boa possibilidade dos professores adotarem a prática da educação não-formal, pois o aluno está em uma etapa de formação básica e necessita de estímulos para aprender, que neste caso, é representada pela visita ao Museu da Erva Mate como forma complementar de aprendizagem.

Em visita ao Museu foi possível corroborar a premissa adotada para escolha da população e amostra, por meio do relato do curador do Museu de que os alunos de Ensino Fundamental apresentam características questionadoras, qualidade essa que o mesmo não vê tão presente em alunos do Ensino Médio ou mesmo em adultos.

Segundo dados do IBGE Cidades, em 2012, o município de Ponta Porã possuía 41 escolas que ofertavam o Ensino Fundamental sendo que destas, 7 eram privadas, 12 públicas estaduais, e 22 públicas municipais. Neste mesmo período, estas escolas possuíam um total de 18.283 alunos matriculados no Ensino Fundamental. Com a impossibilidade de efetuar a pesquisa em todas as escolas do município optou-se pelo estudo de caso e foi escolhida a escola Nova Itamaraty por algumas características que podem dificultar o uso da visita ao Museu da Erva Mate: i) é distante do centro da Cidade, pois se localiza no Assentamento Itamaraty (aproximadamente 45 km da cidade), ii) é caracterizada pela frequência de alunos oriundos de famílias de baixa renda, e iii) é uma escola estadual, pois o estado exige projetos antecipados para utilização de métodos de aprendizagem que retirem o aluno do ambiente escolar, diferente do que ocorre nas escolas do município ou privadas.

Essas características possibilitam a análise da percepção dos docentes considerando esses pontos que fazem parte do ambiente socioeconômico vivenciado pelos entrevistados. Além disso, a interpretação dos dados pode considerar o fato da escola ser focada em população de baixa renda com poucas oportunidades de desenvolvimento cultural, o que prejudica a formação geral e a capacidade do aluno vir a desenvolver-se e contribuir para o desenvolvimento da região e da própria sociedade que faz parte.

No que tange a educação não-formal foi escolhido o Museu da Erva mate pelo papel crucial (histórico, econômico e social) que a erva mate desempenhou para a formação e desenvolvimento de Mato Grosso do Sul, em especial à região sudoeste do Estado. Além disso, é o único museu existente na cidade de Ponta Porã-MS.

### **3.3 Coleta, manejo e análise dos dados**

Uma vez que a pesquisa é de caráter exploratório-descritivo, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas pessoais semiestruturadas à docentes de História e Geografia que ministram aulas na escola supracitada.

Para nortear estas entrevistas foram elaborados questionários com questões abertas, algumas específicas e outras geradoras de narrativa, com maior liberdade de resposta. Utilizou-se um gravador para o armazenamento do conteúdo das entrevistas para posterior transcrição e alimentação do software *Sphinx Millenium Plus 4,5*. Também se efetuou um contato prévio com a escola para identificar os horários disponíveis dos entrevistados.

O período de coleta foi de 23/05/2015 a 26/05/2015, sendo entrevistados 2 professores de História e 1 de Geografia. Em média, as entrevistas tiveram duração de 25 minutos.

A análise de dados foi elaborada por meio do método de análise lexical seletiva, que consiste numa análise textual das transcrições das entrevistas realizadas iniciando pela contagem de palavras e formação de léxicos, para posterior navegação lexical e interpretações das citações dentro do contexto do texto transcrito. As análises lexicais, deste estudo, partem da palavra como unidade de numeração e da frase como unidade de contexto, onde se dará as interpretações. A unidade de numeração é utilizada, inicialmente, para ter uma ideia preliminar, um indicativo, da importância dos conteúdos trabalhados na pesquisa, para posterior verificação nas citações/*verbatim*s nas unidades de contexto.

Como se percebe, as análises são feitas por meio textual e exigem uma profundidade maior do que uma análise baseada exclusivamente em relações ou percepções mensuradas por números. Frente a isso, se ganha em questões de análise profunda de um determinado fenômeno, mas perde-se em representatividade pelo fato de trabalhar com amostras menores. Segundo Nogueira (2001) um método qualitativo de análise textual foge à tradição da ciência convencional e não se preocupa com números

elevados. Desta maneira, não se tem como alvo a representatividade, e sim analisar elementos específicos de determinado grupo em uma realidade local.

As variáveis que nortearam a construção do questionário e as entrevistas em profundidade são: i) percepção de complementaridade educacional pelos métodos não formais (variável 1); ii) uso da educação não-formal (variável 2); iii) percepção da relação museu/escola (variável 3); iv) importância do museu para o município (variável 4); v) complementaridade do conteúdo com a visitação ao museu (variável 5); vi) cobrança dos alunos pela educação não-formal - visitação ao museu e outros tipos de atividades - (variável 6); vii) elaboração de projetos para realização de atividades não-formais (variável 7); e viii) estímulos para uso da educação não-formal (variável 8), ix) dificuldades do uso da educação não-formal (variável 9) e; x) dificuldades específicas para o uso do museu da erva mate (variável 10).

Essas variáveis tratam de assuntos que permitem sua alocação para categorias prévias, que serão analisadas na próxima seção, a saber: i) percepção de importância da educação não formal (variáveis 1, 3, 4, 5); ii) uso da educação não formal (variáveis 2 e 7); iii) cobrança por atividades não formais de ensino (variável 6) e iv) dificuldades e estímulos no uso da educação não-formal (variáveis 8, 9 e 10).

#### **4 DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Esta seção trata especificamente da análise dos resultados da entrevista em profundidade realizada com os docentes das disciplinas de História e Geografia da Escola de Ensino Fundamental Nova Itamaraty, situada na zona rural do município de Ponta Porã, no Assentamento Itamaraty. No entanto, antes de abordar o tema específico, é feita uma rápida caracterização a cerca da escola e do assentamento para melhor entendimento das análises posteriores, em seguida é elaborada uma análise preliminar com base nas unidades de numeração para posterior análise das categorias específicas.

O Assentamento é caracterizado por possuir uma população de baixa renda, em sua maioria oriunda dos movimentos sociais de luta pela terra, o Departamento Estadual dos Trabalhadores Rurais (DETR) da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul (Fetagri) e a Associação dos Funcionários da Fazenda

Itamaraty (AMFFI). O Assentamento Itamaraty está localizado a 45 km da sede do município e a 21 km da faixa de fronteira com o Paraguai e foi criado em 2001 onde foram assentadas 1.145 famílias (FONTOURA Jr. *et al.*, 2011).

A escola Estadual Nova Itamaraty é considerada a maior do estado de Mato Grosso do Sul e conta com 1700 alunos, em sua maioria, oriundos do próprio assentamento. Portanto, os alunos provêm de famílias de assentados ou de moradores do assentamento que tem como principal característica a baixa renda e, portanto, maior dificuldade de acesso a formas de educação que não a formal.

Em relação à percepção dos docentes de história e geografia sobre a educação não-formal foram utilizadas as variáveis de análise demonstrada na seção sobre os métodos e que são analisadas no Quadro 2 com contagem do corpo do texto e seus léxicos.

**Quadro 2** - Levantamento de palavras e léxicos utilizadas pelos entrevistados nas variáveis estudadas

Nº	Variáveis	Unidades de numeração	
		Palavras no corpo do texto	Léxicos
1	Percepção de complementaridade educacional pelos métodos não formais	404	192
2	Uso da educação não-formal	259	144
3	Percepção da relação museu/escola	305	154
4	Importância do museu para o município	320	155
5	Complementaridade do conteúdo com a visitação ao museu	179	98
6	Cobrança dos alunos pela educação não-formal	177	94
7	Elaboração de projetos para realização de atividades não-formais	277	140
8	Estímulos para uso da educação não-formal	322	172
9	Dificuldades do uso da educação não-formal	462	202
10	Dificuldades específicas para o uso do museu da erva mate	305	161

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando as unidades de numeração é possível perceber um indicativo interessante sobre os entrevistados, pois um maior número de palavras é dedicado aos temas sobre percepção de complementaridade e importância da educação não formal e aqueles relacionados aos estímulos e dificuldades no seu uso. Isso indica a importância dada aos problemas e estímulos no uso de métodos não tradicionais de educação, bem

como a relevância dada pelos entrevistados ao tema central do estudo, o que serão analisados nas próximas subseções, que tratam das categorias do estudo.

#### **4.1 Percepção de importância da educação não formal**

Os professores entrevistados foram claros em afirmar que a educação não formal por eles é percebida como algo importante, sendo que essa palavra surgiu 4 vezes nas observações dos entrevistados. Além dela, palavras e expressões relacionadas à educação e aprendizado surgiram 15 vezes durante as respostas dos entrevistados. Nas observações a seguir pode-se observar a importância dada para educação não formal pelos respondentes: “...Eu acho super importante essa educação não-formal porque ela serve como um complemento mesmo da educação formal...” (Entrevistado 1); “...sim, pode ampliar ainda mais o conhecimento dos nossos alunos...” (Entrevistado 2).

Esses trechos das respostas foram selecionados porque eles evidenciam a percepção de importância da educação não formal como o fato dela ser vista como um complemento da educação formal. Isso também é percebido quando da percepção em torno da relação entre o museu e a escola como pode ser visto no comentário do entrevistado 1 “[...] eles vêem o museu. Amplia o conhecimento deles... eu vejo que, principalmente relacionado à história antiga, relacionado às guerras... eles indo ao museu isso serve de complemento, né?” Então, a percepção está na complementaridade do conteúdo ministrado em aula. No entanto, nota-se que os professores percebem que deveria haver maior proximidade entre museus e escolas, o que não ocorre, também, pela inexistência de opções: “...deveria ser uma relação mais forte, não é tanto porque, além de não termos acesso contínuo à museus, não temos na região um aparato muito grande de museus...” (entrevistado 2).

Quanto ao Museu da Erva Mate as respostas não foram diferentes, o que demonstram que os docentes percebem nesse espaço um elemento de complementaridade do aprendizado para as disciplinas estudadas.

#### **4.2 Uso da educação não formal**

Com relação à utilização da educação não formal observa-se que ela é parcialmente utilizada. A expressão “sala de aula” aparece em todas as respostas e quando



se verifica o contexto onde aparece chega-se a citações como essa: “...não tem muitos espaços para pesquisa fora, a gente fica assim mesmo...e a gente fica dentro da sala de aula.” (Entrevistado 1) “...ainda com o ensino fundamental não tive a oportunidade de sair fora da sala de aula” (entrevistado 3). “Esse ano estou encaminhando para desenvolver a sequência da Guerra do Paraguai, a história da fronteira, fazer visitas tanto ali em Ponta Porã, no museu (Museu da Erva Mate) e nas antigas construções, até o parque da colônia militar de Dourados, ...já fiz isso, mesmo aqui na escola, em atividades fora da sala de aula” (Entrevistado 2).

É fácil ver que o uso da educação não formal não está restrito e que depende muito da preparação do professor e de sua criatividade; além, é claro, do conhecimento do conteúdo e das possíveis associações que podem ser construídas com os recursos extraclases existentes na região. Todavia, percebe-se que o ensino tradicional, baseado na formalidade da sala de aula, é bastante presente no caso estudado.

### **4.3 Cobrança por atividades não formais de ensino**

Com relação às cobranças dos alunos por atividades não formais de ensino os professores entrevistados afirmaram que ela existe. Nas respostas apareceram seis repetições da palavra “querem”, duas repetições de “interesse”, quatro relacionadas a conhecimento, três com mudança de rotina, quatro repetições de expressões relacionadas com algo diferente ou novo.

Quando se navega nas citações encontram-se algumas como as que seguem: “eles querem novidade, algo diferente ... pelo que eu vejo, eles querem conhecimento” (entrevistado 2). “Eu tenho percebido que eles querem conhecer a realidade, e não só no mundo escrito...” (entrevistado 3). “Eles tem o objetivo de sair da rotina...” (entrevistado 1).

Quanto ao Museu da Erva Mate, os professores entrevistados foram unânimes em afirmar que os alunos não cobram visitas a ele, mas a explicação fica clara nas palavras do entrevistado 1, que reflete exatamente o que os outros também comentaram: “...pela distância da sede ao município, poucos alunos sabem que o museu existe”.

O interesse pela educação não formal por parte dos alunos é percebido pelos docentes entrevistados. Observa-se que esse interesse está centrado no querer aprender algo novo, diferente e esse interesse deveria ser utilizado nos processos educacionais. Mas,

mesmo antes de analisar a próxima categoria já percebe-se dificuldades para a utilização de alternativas de educação não formal, ou seja, o próprio desconhecimento da existência do espaço. Todavia, ao analisar a seguinte categoria nota-se que existem outras barreiras para o uso da não formalidade na educação.

#### **4.4 Dificuldades e estímulos no uso da educação não formal**

Não há estímulos para usar métodos diferentes de educação que não aqueles que podem ser usados em ambiente de sala de aula. Essa é a percepção dos professores a esse respeito. Mesmo que houvesse algum estímulo também há dificuldades associadas a isso. “Olha, assim partindo... assim da direção? Não há... mas quando nós professores sugerimos alguma coisa tudo é avaliado, discutido, e sempre disponibiliza até transporte...” (entrevistado 1), “...olha se a gente não ir atrás... porque na maioria das vezes a gente tem que ir atrás, buscar, pedir os recursos...” (entrevistado 2). “Tudo o que se faz parte do professor” (entrevistado 3).

Dentro da escola percebe-se que as ações que envolvem algum tipo de educação não formal tem que partir do professor, que não há incentivo por parte da direção, mas que quando parte dos professores existe empenho dentro do ambiente escolar. Mas, se há empenho, por qual motivo os métodos de educação não formal são pouco utilizados? A resposta está na dificuldade em conseguir apoio externo e, principalmente na burocracia imposta pela secretaria de educação, que para cada ação proposta é necessário o desenvolvimento de um projeto, que vai para a secretaria, que irá autorizar ou não. Nesse projeto deve ter autorização de todos os pais de alunos e dos técnicos da escola. Além desse empecilho burocrático, tem questões de logística, pois a escola é distante do centro da cidade de Ponta Porã, não há recursos para transporte e, além disso, existem muitas turmas de responsabilidade do mesmo professor; ou seja, se levar uma as outras também devem ir. Esse fato aumenta a responsabilidade e a necessidade de recursos, além de enfrentar a burocracia.

Quando os professores são indagados a respeito da existência de dificuldades para tirar os alunos da escola, as respostas se assemelham a essas: “eu vejo assim, a dificuldade é pela distância e também, assim, a responsabilidade... as salas são numerosas, número muito grande de alunos... são três sextos anos... tem que levar as três salas...”

(entrevistado 1); “...sim, bastante, principalmente a burocracia para se tirar o aluno da escola... os custos tem que ser viabilizados pelo professor ou pelos pais de alunos” (entrevistado 3).

O que tudo isso mostra? A falta de atenção das estruturas educacionais para outras formas de educação, que não a tradicional. A falta de recursos para educação visando métodos não tradicionais de ensino o que impede o uso dessas metodologias.

## **5 CONCLUSÃO**

Este trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos professores de história e geografia sobre a contribuição do Museu da Erva Mate para complementaridade e assimilação dos conteúdos das disciplinas ministradas. Através do uso de métodos qualitativos ficou claro que eles julgam sua contribuição importante.

Todavia, não fazem uso (ou fazem pouco uso) desse espaço por vários motivos, como: i) não há cobrança por parte dos alunos para visitar o museu, pois a maioria não sabe da sua existência; ii) a distância entre a escola e o centro da cidade é grande, o que dificulta a logística; iii) há um processo burocrático, que inicia com a elaboração de projetos que devem ser enviados e autorizados pela secretaria do estado, fato bastante moroso; iv) os custos devem ser assumidos pelos pais e professores, mas a escola é frequentada por alunos provenientes de famílias de baixa renda; e, v) há número muito grande turmas e de alunos, que significa que se uma for, as outras também terão que ir, o que reflete em maior custo, dificuldade de transporte e maior responsabilidade.

Também foi possível perceber que os professores não foram além das percepções relacionadas à complementaridade da educação não formal para as suas disciplinas, pois as questões elaboradas (geradoras de narrativa) deram liberdade para que houvesse respostas nesse sentido, mas não ocorreram. Isso demonstra que ficaram focados apenas nas disciplinas que ministram e não na possibilidade de uma formação mais geral por parte dos alunos.

Como limitação do estudo aponta-se a amostra reduzida, que dá pouca representatividade impossibilitando a inferência para o sistema educacional estadual, por exemplo. Todavia, possibilitou uma melhor compreensão do caso específico em estudo. A própria limitação do trabalho deixa sugestões para estudos futuros, pois é possível a ampliação do número de casos, tanto em outras escolas estaduais, que englobem ensino

médio, como para escolas municipais e até particulares, possibilitando, inclusive, uma comparação entre elas.

## REFERÊNCIAS

ALLARD, M; BOUCHER, S. **Le musée et l'école**. Québec: Hurtubise HMH, 1991. In: MARTINS, L. C. *A relação museu/escola: teorias e práticas educacionais nas visitas escolares ao museu de Zoologia da USP*. 2006. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

ALMEIDA, A. M. **Desafios da relação museu-escola**. São Paulo: Comunicação & Educação. p.50-56. set/dez 1997.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102480>>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

CAZELLI, S; FALCÃO, D; GOUVÊA, G; VALENTE, M. E; QUEIROZ, G; COLINVAUX, D; KRAPAS, S; e ALVES, F. **Aprendizagem em Museus de Ciências e Tecnologia sob enfoque dos modelos mentais**. In: *VI Encontro de Pesquisadores em Ensino de Física*, Florianópolis, 1998.

COELHO, E. A. **A relação entre museu e escola**. 61p. Relatório Final (Estágio Curricular Supervisionado) –Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UE Lorena- UNISAL, Lorena, 2009.

CRUZ, M. P. **Interação Museu-Escola: uma análise da contribuição do ensino não-formal à Escola**. 74p. Dissertação (Mestrado Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Nilópolis, 2010.

FIGURELLI, G. R. **Articulação entre educação e museologia**. Lisboa: Cadernos de sociomuseologia, n.44. p.37-64. 2012.

FONTOURA Jr., E.E. et al. **Relações de saúde e trabalho em assentamento rural do MST na região de fronteira Brasil-Paraguai**. Trab. educ. saúde (Online). v.9 n.3 Rio de Janeiro Nov., 2011.

GALEANO, E.; COSTA MATA, H. T. **A formação do capital humano e as diferenças regionais de crescimento**. V ENABER, 24 a 26 de Outubro, Recife, Pernambuco, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: *Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006 [cited 31 March 2009]. Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000009200600100034&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000009200600100034&lng=en&nrm=iso)>.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>>. Acesso em: 04 de maio de 2015.

HENRIQUES, L. O. **A comunicação na escola e no museu.** Lisboa: Cadernos de Museologia n.5. p.67-97, 1996.

HORTA, M. L. P; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Ensino – Matrículas, Docentes e Rede Escolar. 2012.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500660&idtema=117&search=mato-grosso-do-sul|ponta-pora|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

LOPES, M. M. **A favor da desescolarização de museus.** Campinas: Educação e Sociedade, nº 40, p. 443-455, 1991.

MARANDINO, M. **Interfaces na relação museu-escola.** Florianópolis: Caderno Catarinense de Ensino de Física, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Museu e escola: educação formal e não-formal, 2009.** Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, 1998.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia – ensino fundamental, 1997.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em 09 de maio de 2015.

NOGUEIRA, C. **Análise do discurso.** 2001. Disponível em: <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo\\_analise%20do%20discurso\\_final1.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discurso_final1.pdf)>. Acesso em 20 de maio de 2015.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948. Disponível em: <[http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

PACHECO, R. A. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história.** São Paulo: Revista Brasileira de História, v.30. n.60. p.143-154, 2010.

PAZ, F. R. C; GRAEBIN, C. M. G. **Do Museu para a Escola: uma experiência de ensino a partir da Coleção Missioneira do Museu Júlio de Castilhos.** Maringá: Revista Espaço Acadêmico, n. 136, Ano XII, set. 2012.



PEREIRA, J. S; CARVALHO, M. V. C. **Sentidos dos tempos na relação museu/escola.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 383-396, set.-dez. 2010.

PORTAL BRASIL. **Etapas do ensino asseguram cidadania para crianças e jovens.** Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/04/etapas-do-ensino-asseguram-cidadania-para-criancas-e-jovens>>. Acesso em: 04 de maio de 2015.

ROJAS, M. A. *Las Teorías Del Desarrollo y Las Estrategias de Política Económica Regional en Las Economías Periféricas.* **V Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**, 17 a 19 de agosto de 2011.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930/1973).**4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

SANTANA, M. e RAMALHO, J. **Além da fábrica:** trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTOS, M. C. T. M. **Museu e Educação: conceitos e métodos.** Porto Alegre: Ciências e Letras, n.31. p.307-323, jan/jun. 2002.